

UM ESTUDO SOBRE OS IMPACTOS DO CYBERBULLYING NA SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES

Andressa Alves Freire Pereira, Laís de Souza Almeida, Bruna Mares Terra Candido

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, andressaalves0510@outlook.com, souza.laisd@gmail.com, brunaterra@univap.br.

Resumo

Atualmente, com o avanço exacerbado das mais diversas tecnologias e meios de comunicação, o fenômeno chamado *cyberbullying*, uma ramificação do *bullying*, tem se apresentado cada vez mais recorrente na vida das pessoas, especialmente ao se pensar em adolescentes. Esse é um recorte de um trabalho de caráter qualitativo exploratório de revisão de literatura narrativa, baseado nas literaturas disponíveis em plataformas como Google Acadêmico e Scielo. Diante disso, o intuito do recorte desta pesquisa foi buscar compreender como essa violência ocorre na prática e sobretudo, quais os impactos podem gerar na saúde mental de adolescentes, buscando por fim, investigar as estratégias de intervenções já existentes e explorar as suas efetividades e limitações.

Palavras-chave: *Cyberbullying*, adolescentes, saúde mental.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas, Psicologia.

Introdução

O presente estudo trata-se de um recorte de um trabalho de graduação do curso de psicologia, com foco em compreender os impactos do *cyberbullying* na saúde mental de adolescentes, além de buscar formas de enfrentamento do fenômeno. A escolha para tal tema de estudo origina-se da preocupação das autoras com a saúde mental dos usuários dos diversos ambientes digitais, tendo em vista de que o *cyberbullying* vem afetando cada vez mais adolescentes e se expandindo de maneira acelerada, ultrapassando barreiras físicas, podendo potencializar o adoecimento psíquico e prejudicar o desenvolvimento deste público-alvo.

Para Andrade (2014), o *bullying* pode ser compreendido com um tipo de comportamento agressivo, que é persistente e se repete, visando causar dano físico ou moral. O *bullying* ocorre de diferentes formas, sendo classificados em físico, verbal (Raskauskas & Stoltz, 2007), relacional e eletrônico (Berger, 2007); assim, o *cyberbullying* é uma extensão do *bullying*.

Segundo Oliveira, Pereira e Monteiro (2023), o *cyberbullying* é um fenômeno em crescimento, especialmente posteriormente à pandemia de COVID-19 e que pode acarretar, em crianças e adolescentes, problemas de saúde mental. Em um estudo feito por Oliveira (2016) contando com a participação de adolescentes entre 13 e 17 anos, descobriu-se que 67,3% deles relataram já terem sofrido pelo menos um incidente de cyber agressão, 63,8% referiram pelo menos um incidente de cyber vitimização nos últimos seis meses e 78,6% dos adolescentes participantes do estudo tiveram ao menos um ponto, onde os considerava tanto vítimas quanto agressores. Portanto, se vê como de prioritária importância o estudo e a implementação de formas de enfrentamento do *cyberbullying*, visando formas de diminuir o seu impacto e sua propagação.

Entretanto, por mais que as pesquisas a respeito desse tema tenha ganhado mais notoriedade à medida que a necessidade para tal tem se mostrado mais presente a cada dia, ainda existem diferentes lacunas a serem preenchidas e questionamentos a serem respondidos no que diz respeito aos efeitos psicológicos do *cyberbullying*, bem como da eficácia das intervenções existentes.

De acordo com Soares e Câmara (2016) o adolescente não possui medo de vivenciar adentrando no desconhecido, assim estando mais exposto a experiências diversas, tais como a ilusão de uma autonomia, vagando em páginas sem fim como um espaço mágico dentro de seus próprios desejos e se escondendo atrás do anonimato. Assim, adolescentes estão mais suscetíveis a diferentes

experiências no âmbito virtual, e ali é um espaço onde seus consumidores participam de diversos tipos de interações, ali brincam, brigam, amam e odeiam, tornando esse espaço não só um lugar com atividades recreativas, mas também um lugar onde as interações sociais são fortemente construídas, sejam elas positivas e/ou negativas (Soares e Camâra, 2016, p. 210).

Portanto, com esse trabalho as autoras pretenderam obter uma maior compreensão a respeito do tema e realizar uma contribuição com a literatura já disponível sobre o assunto, identificando quais são as prevenções e intervenções já existentes. Ainda, buscou-se identificar os impactos desse fenômeno na saúde mental de adolescentes, tendo em vista que esse é um momento crucial na formação da subjetividade das pessoas, portanto experiências que acontecem nesse período, tendem a marcar a trajetória de vida das pessoas.

Metodologia

O presente trabalho é um trabalho qualitativo exploratório de revisão de literatura narrativa, utilizando-se da literatura disponível a respeito do *cyberbullying*, abrangendo a análise e pesquisa de diferentes autores que debatem sobre o tema, explorando artigos e textos científicos, dissertações, teses, entre outras fontes de dados pertinentes, a fim de atingir significativas conclusões. O estudo baseou-se na pesquisa do banco de dados das plataformas: Google Acadêmico e Scielo, com foco em publicações acerca do Brasil, a partir do ano de 2014. As palavras chaves utilizadas foram: “*cyberbullying*”, “adolescentes” e “saúde mental”.

Resultados

Baseado na pesquisa e coleta de dados através do banco de dados das plataformas Google Acadêmico e Scielo, centradas em publicações brasileiras datadas a partir de 2014, os autores Ferreira e Deslandes (2018), Schreiber e Antunes (2015), Wendt e Lisboa (2014), Fujita e Ruffa (2019), Pigozi e Machado (2015), Domingos e Júnior (2019) dissertam através de diferentes vieses e metodologias a respeito de como o *cyberbullying* pode ser caracterizado e compreendido, bem como do modo com que esse fenômeno vem se desenvolvendo visto que a tecnologia e o uso das redes sociais vem se tornando cada vez mais presentes de maneira integral na vida das pessoas.

Por outro lado, Cavalheiro e Brandt (2016), Souza, Simão e Caetano (2014) e Flôres *et al.* (2022) buscaram compreender quais impactos o *cyberbullying* pode vir a trazer na saúde mental e na formação de subjetividade de adolescentes, que convivem num mundo onde as violências virtuais tem se tornado gradativamente mais recorrentes. Ainda, os autores buscaram realizar suas pesquisas focando em identificar e investigar as prevenções e estratégias de intervenção já existentes, para que assim possa-se entender as suas eficácias e limitações.

Discussão

O *cyberbullying* pode ser caracterizado como uma espécie de extensão do *bullying*, de acordo com Ferreira e Deslandes (2018) é disseminado por diversos meios eletrônicos, como mensagens de texto, fotos, áudios e vídeos em redes sociais ou jogos on-line, usando celulares, computadores ou tablets, com o objetivo de causar danos à vítima de forma persistente e agressiva. Com isto, os diversos tipos de violência no âmbito escolar se expandiram através das redes sociais e aparelhos de comunicação virtual, os quais possibilitam o envio e recebimento de mensagens imediatas, permitindo que difamações e comportamentos que atingem de maneira negativa muitas vítimas do *cyberbullying* estejam se tornando cada vez mais comuns (Schreiber; Antunes, 2015). Tais meios eletrônicos são ferramentas que possibilitam que pessoas de qualquer lugar do mundo possam se comunicar e interagir livremente, criando uma terra “sem leis”, podendo afetar de diversas maneiras o cotidiano de indivíduos que se encontram em contato constante com o ambiente virtual, especialmente entre adolescentes (Schreiber; Antunes, 2015).

Ainda de acordo com Wendt; Lisboa (2014, p. 43): “A opção pelo anonimato, nos casos de *cyberbullying*, pode ser compreendida a partir do chamado efeito da desinibição.” Isto é, os indivíduos tendem a se sentirem confiantes diante da oportunidade de conservarem seu anonimato, pois assim pensam que nunca serão descobertas.

As dinâmicas de *cyberbullying* dependem das ações e representações de cada pessoa envolvida nesse círculo de violência. Neste cenário atuam os perpetradores – os que praticam a violência, os acometidos (chamados de vítimas), os espectadores (aqueles que assistem e

compartilham o conteúdo que viola outrem), os educadores e pais, que por vezes são os últimos a tomar conhecimento do abuso (Ferreira; Deslandes, 2018).

Segundo Fujita e Ruffa (2019), este é um problema de relevância à saúde pública, uma vez que estudos psicológicos demonstraram que esse tipo de ataque acarreta diversas consequências como: incapacidade de reação, isolamento, baixa autoestima, fobia escolar, medo, o transtorno de pânico, anorexia, bulimia, automutilação física, busca por vingança contra o local onde ocorreu a violência ou aos que não tomaram providências e, por fim, o suicídio. Além destes, o *cyberbullying* pode acarretar em quadros de depressão, ansiedade e uma diminuição da capacidade empática (Pigozi; Machado, 2015). Ainda, de acordo com Schreiber e Antunes (2015), muitas dessas vítimas vivenciaram também alguns sintomas psicossomáticos como por exemplo, insônia e dores de cabeça.

Ainda, com diversos avanços diários na tecnologia e formatos de anonimato, nota-se uma escassez em relação às formas de enfrentamento do problema em questão. Segundo Lacerda (2018, p.12), faz-se necessárias outras formas de combate, uma vez que as leis vigentes no país são insuficientes para assegurar a punibilidade.

O Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) (Lei nº 13.185/2015) dentro do parágrafo único visa o combate do *cyberbullying* caracterizando-o como formas regulares de intimidação dentro da rede mundial de computadores, utilizando instrumentos que lhe são próprios em vista de adulteração de fotos e dados pessoais, incitação de violência e depreciação com o objetivo de gerar meios de constrangimento psicossocial. Entretanto, essa lei se faz praticamente inútil, em vista de que ela não inibe o *cyberbullying* (Domingos e Júnior, 2019, p. 14), pois, apesar de conceituar a intimidação sistemática e prever as diretrizes do programa de combate ao *bullying* e ao *cyberbullying*, essa lei não estipula nenhuma consequência jurídica aos agentes das práticas condenadas (Viana; Maia; Albuquerque, 2017).

Cavalheiro e Brandt (2016) afirmam a necessidade de os pais terem conhecimento de todas as formas de comunicação on-line que seus filhos possam vir a ter, enquanto navegam no computador. Um estudo realizado por Souza, Simão e Caetano (2014) buscou quais estratégias poderiam ser adotadas pelos pais na visão dos alunos, sendo algumas delas: fazer-se presente na vida dos filhos, educando-os para uma postura ética, sempre mantendo o diálogo e a interação; alertar sobre os perigos das tecnologias e redes sociais, mantendo controle sobre a utilização das tecnologias e redes sociais; oferecer apoio, buscar compreender o fato e ter ajuda profissional; e, por fim, contatar a comunidade educativa e a autoridade policial.

O mesmo estudo também buscou quais estratégias as vítimas do *cyberbullying* poderiam utilizar segundo os alunos, apontando algumas destas como: identificar os agressores e confrontá-los, alertando os envolvidos e não se calando; pedir ajuda a família, amigos, pessoas de confiança, buscando apoio profissional e contatando as autoridades policiais; evitar contato com os agressores, restringindo contatos (via e-mail, número de celular, etc) e bloquear agressores de redes sociais, além de contatar gestores dos sites (Souza; Simão; Caetano, 2014).

Por fim, Flôres et al. (2022) discorre sobre o papel dos professores na prevenção e enfrentamento do *cyberbullying*, onde afirma que os educadores têm conhecimento sobre este fenômeno, possibilitando a implementação de ações de prevenção e enfrentamento dele, através de intervenções realizadas pelas instituições de ensino, essas tendo o papel de educar, conscientizar e orientar os alunos a respeito da problemática, compreendendo que a escola é um local que geralmente marca a vida de muitas pessoas, pois é lá onde comumente se passa a conviver com outras pessoas fora do âmbito familiar e é onde uma das fases mais importantes na formação da subjetividade da criança e do adolescente passa a ser construída.

Conclusão

A partir do recorte realizado da pesquisa, evidenciou-se que de fato o *cyberbullying* é uma problemática em crescimento que afeta de diversas maneiras a saúde mental de adolescentes. Além deste, considera-se que as formas de prevenção e intervenção desse fenômeno não são suficientes para detê-lo, assim necessitando da criação de novas formas de combate.

Referências

BRASIL. Programa de Combate à Intimidação Sistemática (**Bullying**): LEI Nº 13.185, DE 6 DE NOVEMBRO DE 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm. Acesso em: 19 mai. 2024.

CAVALHEIRO, Rubia Aparecida Antunes; BRANDT, Laís Michele. **Cyberbullying: uma violência silenciosa e seus reflexos na comunidade escolar voltada às diferenças de gênero**. Seminário Internacional. Disponível em: <http://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidssp/article/view/15863>>. Acesso em: 19 mai. 2024.

DOMINGOS, Vanessa Santiago da Silva; JÚNIOR, Euripedes Brito Cunha. **O INEFETIVO TRATAMENTO DO CYBERBULLYING NO BRASIL: A BUSCA DE MECANISMOS EFICAZES DE COMBATE**. Universidade Católica de Salvador, 2019, p. 1-26. Disponível em: ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/prefix/546/1/TCCVANESSADOMINGOS.pdf. Acesso em: 19 de mai. 2024.

FERREIRA, T. DESLANDES, S. *Cyberbullying: conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde*. Ciência & Saúde Coletiva [online]. 2018, v. 23, n. 10. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2018.v23n10/3369-3379/#>>. Acesso em 19 mai. 2024.

FLÔRES, Fabrine Niederauer et al. **CYBERBULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES**. Psicologia Escolar e Educacional, 2022, v. 26, p. 1-8. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/h7Z9LHtRc67rsWrqmXXpn3w/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 20 mai. 2024.

FUJITA, Jorge; RUFFA, Vanessa. *Cyberbullying: família, escola e tecnologia como stakeholders*. Estudos avançados 33 (97), p. 401-411, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/pSp8hgXLcG786hZpVGNqPNH/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 6 de mai. 2024.

PIGOZI, Pamela Lamarca; MACHADO, Ana Lúcia. *Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil*. Ciência & Saúde Coletiva, 20(11), 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/YLcVTsBftTw8SPnW3P935cx/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 19 mai. 2024.

SCHREIBER, F.C.C.; ANTUNES, M. C. *Cyberbullying: do virtual ao psicológico*. Boletim - Academia Paulista de Psicologia, São Paulo, v. 35, n. 88, p. 109-125, jan. 2015.

SOARES, Samara; CÂMARA, Gislene. **TECNOLOGIA E SUBJETIVIDADE: IMPACTOS DO USO DO CELULAR NO COTIDIANO DE ADOLESCENTES**. *Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, v. 1, n. 2, p. 204-223, 2016. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/download/13619/10513>. Acesso em 19 mai. 2024.

SOUZA, S. B.; SIMÃO, A. M. V.; CAETANO, A. P. **Cyberbullying: Percepções acerca do fenômeno e das estratégias de enfrentamento**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2014, 27(3), p. 582-590. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/cX5c9QsyyXhsm8wpDQM9MQf/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 19 mai. 2024.

WENDT, G. LISBOA, C. *Compreendendo o fenômeno do cyberbullying*. Temas em Psicologia. Ribeirão Preto, v. 22, n.1, p. 39-54, abr. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000100004>. Acesso em: 19 mai. 2024.

Agradecimentos

Agradecemos às professoras Renata Meneghini e Christiana Vilela de Andrade Strauss participantes da banca de qualificação.